

OPINIÃO

O futebol é o ópio do povo?

O pensador e economista alemão, Karl Marx, proferiu em sua obra "A sagrada família" uma expressão bastante polêmica, mas que nos dias de hoje ainda é muito considerada: "a religião é o ópio do povo." Nos baseamos nela para questionar alguns professores da UFSM se o futebol, nos dias atuais, não seria o ópio (uma droga alienante) da sociedade. Para os apaixonados por esse esporte, é difícil concordar com a tese de que ele gere alienação. Entretanto, não é segredo que, por trás da indústria que sustenta o mundo da bola e da chuteira, existe muito "capital", e junto a essa sede de riqueza, a corrupção e outras atitudes menos nobres do ser humano. O brilhante Mino Carta, na edição de 9 de junho da 'Carta Capital' escreveu que "a Copa do Mundo é o momento de luxo da globalização. Com ela, a Alemanha desembolsou 1 milhão de euros, que vai recuperar com folga em hospedagem (3 bilhões de euros) e no varejo (2 bilhões de euros em vendas)." Afora isso, a Fifa arrecadará mais 2 bilhões de euros em patrocínios. "Quem é que há de contrariar, com frieza crítica e ranzinza, tamanho espetáculo da opulência?" (Fritz Nunes, editor do Jornal da SEDUFSM)

Antonio Guilherme Schmitz Filho, 43 anos, técnico desportivo da UFSM e professor do curso de Educação Física da Urcamp

Possui Mestrado em Comunicação e Cultura pela UFRJ, onde trabalhou com as críticas jornalísticas da Copa do Mundo de 1998 e doutorado pela Unisinos em Processos Midiáticos. Sua tese foi sobre o agendamento e as processualidades sistêmicas da CPI do futebol.

"Eu não responderia a essa pergunta entre sim e não. Vendo hoje o futebol da forma

como ele se apresenta nós temos que considerar, em um primeiro momento, a questão do futebol como um fenômeno. Em segundo lugar, temos que ver pela perspectiva do futebol como uma instituição e aí a representação que essa modalidade esportiva tem dentro de cada uma das culturas em que ele foi se aproximando. Além disso, temos que entender que hoje a questão esportiva, principalmente pela perspectiva do futebol, é uma das grandes mercadorias da globalização. Eu vejo muito mais o futebol por uma questão de fenômeno que faz parte da cultura brasileira. Temos também a relação do entretenimento, a espetacularização do esporte, que é outro viés fundamental. O futebol e outros esportes servem, já serviram e poderão servir para outras intenções, mas isso está encaixado dentro de toda uma relação entre sistemas: sistema político, educacional, esportivo e midiático. Todos esses sistemas mantêm um certo nível de relação e condições de agendamento entre eles que poderão gerenciar e conduzir o entendimento de uma determinada população ou do mundo inteiro em relação a uma determinada coisa. A questão, por exemplo, do ópio, chega a ser menor em um momento como o atual em função da copa do mundo, onde se vê um comportamento que não é só do povo brasileiro de fanatismo pela copa. O que o conceito de esporte atrelado ao futebol nos traz hoje? Nos traz disputa, prazer, felicidade, termos como guerra, combate e muito mais questões".

Candido Otto da Luz, 51 anos, Jornalista e funcionário da Coordenadoria de Comunicação Social da UFSM. Pesquisador sobre histórias de futebol, autor do livro que conta a vida do jogador "Oreco".

"Não considero o futebol como o ópio do povo brasileiro. O futebol no Brasil é uma questão de cultura, envolve desde quando foi introduzido no Brasil por Charles Müller, em 1894. Na década de 1930, o futebol começou a ganhar as massas e sair daquele setor elitista dos grandes clubes, como era no início, e assim se popularizando. Se fizermos uma comparação, por exemplo, com os Estados Unidos, o basquete e o beisebol seriam o ópio do povo, porque o futebol lá está em quarto ou quinto lugar. Não acredito que o futebol seja alienante, isso faz parte da cultura do brasileiro que vem se formando desde a introdução do futebol e, principalmente, da disseminação desse esporte a partir do momento em que as classes mais pobres começaram a ter acesso aos clubes de futebol do país. Esse ufanismo que existe é normal. Se compararmos novamente com os Estados Unidos, na decisão da liga de basquete NBA, por exemplo, o país pára completamente e, aqui no Brasil, o país inteiro pára na Copa do Mundo, como outros países também param".



Uma diretoria de "construção coletiva"



REINATO SEERIG

Na noite de segunda, 12 de junho, no Auditório da SEDUFSM, num clima bastante emotivo, tomou posse em solenidade oficial a nova diretoria da Seção Sindical dos Docentes da UFSM e também os 12 membros titulares e 5 suplentes do Conselho de Representantes. A posse administrativa já havia ocorrido na segunda, 5 de junho. Ao receber a presidência do professor Carlos Pires, Diorge Konrad destacou trechos do panfleto de campanha. Falou sobre a importância de o sindicato fazer contraponto aos discursos "individualizados e privatizantes". Para o novo presidente, o grupo que assume a direção da seção sindical é de "continuidade e renovação." Acrescentou ainda que o sindicato é uma "construção coletiva" e, que, o grande sonho a ser buscado é a "universalização do acesso ao ensino superior."

A solenidade de posse teve a participação do presidente eleito do ANDES-SN, professor Paulo Rizzo, e do reitor da UFSM, professor Clovis Lima. Primeiro a falar para um auditório lotado, o professor Carlos Pires ficou com a voz embargada. Ele disse estar

agradecido a todos aqueles que foram solidários com a diretoria presidida por ele. "Me sinto satisfeito por termos criado espaços para todos aqueles que tinham interesse em defender a categoria docente e, que o fizessem pela participação no sindicato." Pires deixa uma gestão que iniciou em 2004 e que encabeçou ações ousadas e difíceis como as discussões do "Repensar a Universidade" e também a Consulta Eleitoral em 2005, com a participação com pesos iguais de todos os segmentos da universidade.

Representando os 12 conselheiros titulares e os cinco suplentes, o professor do departamento de História, Joél Abílio Pinto dos Santos lembrou que pertence à "velha geração de sindicalistas que têm muito a nos dizer." Destacou de forma enfática as qualidades do presidente da SEDUFSM que assumiu há pouco, Diorge Konrad, que também pertence ao curso de História da UFSM. Para Joél, Diorge, "amigo e companheiro", representa a "súmula da política". O conselheiro fez citações de Albert Camus, segundo o qual "não devemos ter medo de ser feliz."

Governo lembrado criticamente

A solenidade teve momentos de críticas ao governo Lula. O tom mais enfático das críticas foi dado pelo atual vice-presidente do ANDES- Sindicato Nacional e presidente eleito, que tomou posse no 51º CONAD, professor Paulo Marcos Borges Rizzo (veja mais detalhes em entrevista nas pág. 8 e 9). A crítica era dirigida principalmente ao projeto de Reforma Universitária encaminhada pelo governo federal ao Congresso.

Segundo Rizzo, o projeto é "inócuo", pois várias das medidas que constam do projeto já vinham sendo implantadas através de outros mecanismos, como é o caso do Programa Universidade para Todos, o Programa de Inovação Tecnológica, entre outros. Sobre a expansão das Instituições Federais de Ensino Superior, o presidente eleito argumentou que o sindicato não é contra. Porém, enfatizou ele, "queremos uma expansão

com qualidade, o que não está ocorrendo, pois há uma apropriação de vagas antigas que estão sendo remanejadas para instituições novas, precarizando aquelas universidades que necessitariam dessas vagas que estavam abertas."

O reitor da UFSM, professor Clovis Silva Lima, também reservou farpas à reforma universitária. Segundo ele, houve grande "frustração" pela forma como foi encaminhado o projeto pelo governo. Lima concluiu que foram dois anos de discussão praticamente sem resultados, a partir do que se desprende do conteúdo do projeto governamental. "Houve claramente um retrocesso", afirmou taxativo. Entretanto, sem querer polemizar mais, o reitor da UFSM amenizou o discurso. Destacou, contudo, que o objetivo que une o sindicato e Administração é a "preservação da universidade pública, gratuita, de qualidade e estatal".

"Houve claramente um retrocesso"
(Reitor Clovis Lima, sobre PL da Reforma Universitária)

Reforma das IFES

De um modo geral o projeto de Reforma Universitária das Instituições Federais (IFES) desagradou muito aos reitores. Dois anos de discussões não foram o suficiente para a proposta ter apoio restrito da comunidade acadêmica, nem mesmo dos reitores. A quarta e última versão elaborada pelo Executivo, encaminhada no dia 8 de junho Congresso, sem algumas das alterações previstas nos rascunhos, enfrenta a oposição de dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior.

O vice-presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) na Região Sul, João Carlos Brahm Cousin, afirma que os reitores decidiram lutar dentro da Câmara e do Congresso e pressionar os parlamentares para alterar pontos importantes do projeto.